

Francisco Leite

Universidade de São Paulo –
USP

Email: leitefco@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0003-0710-3339>

Estudos *Quare* e Crítica *Queer of Color*: lentes interseccionais para os estudos publicitários

*Quare Studies and Queer of Color Critique:
intersectional lenses for advertising research*



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

LEITE, F. Estudos *Quare* e Crítica *Queer of Color*: lentes
interseccionais para os estudos publicitários. *Revista Eco-Pós*,
v.25, n.3, p. 385-412, 2022. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27787

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fomentar uma discussão sobre o potencial que o aporte dos estudos *quare* e da crítica *queer of color* pode ofertar para apoiar as pesquisas em publicidade que buscam assegurar e desenvolver em seus processos e estratégias analíticas as perspectivas interseccionais de raça, gênero, sexualidades, entre outros marcadores sociais. Dessa forma, direcionada por uma pesquisa bibliográfica, este texto apresenta e salienta algumas noções conceituais dos principais preceitos dessas abordagens teóricas, que se colocam como intervenções críticas ao movimento e as produções acadêmicas *queer* tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: *Estudos Quare; Crítica Queer of Color; Interseccionalidade; Publicidade.*

ABSTRACT

The objective of this article is to inform and stimulate a discussion about the potential that the theoretical contribution of the *quare* studies and *queer of color* critique can offer to support advertising research that seek to ensure and develop in their approaches the intersectional perspectives on race, gender and sexualities. Therefore, guided by a bibliographical research, this article presents and highlights some conceptual notions of the fundamental principles of these theoretical perspectives, which stand as critical interventions to the movement and traditional *queer* academic productions.

KEYWORDS: *Quare Studies; Queer of Color Critique; Intersectionality; Advertising.*

Submetido em 10 de Novembro de 2021

Aceito em 24 de Maio de 2022

Introdução

O objetivo deste trabalho é informar e fomentar uma discussão sobre o potencial que o aporte dos estudos *quare* e da crítica *queer of color*¹ pode ofertar para apoiar as pesquisas em publicidade, que buscam assegurar e desenvolver em seus processos e estratégias analíticas perspectivas interseccionais sobre raça, gênero e sexualidades, entre outros marcadores sociais.

Nessa direção, a proposta é resgatar, organizar e compartilhar algumas noções conceituais desses referenciais teóricos, os quais se articulam e se colocam criticamente como responsivos ao movimento e às produções intelectuais *queer* tradicionais que, mesmo cunhando potentes ferramentas conceituais e práticas, não refletem e não tensionam adequadamente em suas construções os sentidos da interseccionalidade.

O exercício reflexivo das discussões edificadas neste trabalho visa contribuir para que os pesquisadores da comunicação, especialmente da publicidade, considerem adotar e aplicar as lentes dos estudos *quare* e ou da crítica *queer of color* no racional de suas futuras investigações. Sejam pesquisadores LGBTQIA+² ou não.

Nesse ponto, conforme Henderson (2001), é importante relembrar e reforçar que os estudos *queer* não devem ser observados como exclusivos para indivíduos e pesquisadores LGBTQIA+, eles podem ser utilizados por indivíduos de diversas posicionalidades. Logo, os pesquisadores LGBTQIA+ “não têm o privilégio nem o fardo da atenção exclusiva aos estudos *queer*. O que temos, talvez, seja uma atração transparente”. (Henderson, 2001, p. 467, tradução livre), considerando as experiências e vivências na carne, os contextos históricos, institucionais e epistemológicos.

Posto isso, é pertinente também pontuar que a motivação para organizar e compartilhar as reflexões que estruturam este texto parte da leitura e análise de recentes pesquisas brasileiras que investiram no levantamento da literatura, objetivando mapear e conhecer a produção científica do campo comunicacional do país associadas às questões de gênero, diversidade sexual, representações LGBTQIA+ e publicidade (Leite, 2022; Scherer; Petermann, 2019;

¹ Esse termo também pode ser encontrado na literatura com a grafia do inglês britânico “*queer of colour*”. É importante informar, nesta oportunidade, que, neste artigo, se opta por utilizar esse vocábulo no padrão internacional em inglês. No entanto, tem-se a consciência acerca da problemática do tom pejorativo que a tradução para o português de “*of color*” (“de cor”) pode expressar. Nesse sentido, informa-se que alguns autores vêm sugerindo o uso do termo “racializado” como tradução desse referido termo em inglês, por exemplo, Morais *et al.* (2019).

² Adota-se o acrônimo internacional LGBTQIA+ para indicar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexuais e assexuais. O símbolo de adição (+) acolhe outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

Lazarin; Iribure, 2014, 2016).

Com efeito, é relevante também destacar alguns trabalhos, que fortalecem a conjuntura desses esforços agregando perspectivas e dimensões mais abrangentes sobre as expressões de gênero e sexualidades, tal como as reflexões sobre os feminismos, as masculinidades, entre outros temas que tangenciam e implicam as temáticas não hegemônicas e dissidentes das representações LGBTQIA+. Entre esses trabalhos têm-se as contribuições de Tomazetti (2019); de Trindade, Peruzzo e Perez (2018); de Colling *et al.* (2012); entre outros.

Diante das configurações dos resultados dessas produções, cirurgicamente, no que tange ao referencial teórico dos textos analisados nessas investigações, observa-se a quase inexistência de registros de trabalhos que adotam as produções de intelectuais associadas às perspectivas dos estudos *quare* e ou da crítica *queer of color* para interpelar e desenvolver discussões contempladas nos referidos estudos. Como padrão entre alguns poucos trabalhos identifica-se o registro da tímida utilização da teoria *queer* clássica, especialmente, a partir das contribuições de Judith Butler.

É pertinente elucidar que não é intenção neste trabalho questionar ou apontar como adequado ou não o uso habitual da teoria *queer* tradicional nesses trabalhos. Distante desse viés, o que se buscará introdutoriamente sugerir e chamar a atenção, nos limites deste texto, é para as oportunidades que os estudos *quare* e ou a crítica *queer of color* podem oferecer ao tensionar e assegurar o viés interseccional das humanidades *queer* no racional das construções do saber dessas investigações.

Nessa direção, de modo breve e não exaustivo, apresenta-se nos próximos tópicos algumas pontuações sobre os sentidos que o termo *queer* carrega, bem como as noções conceituais da teoria *queer* tradicional e, especialmente, as atuais intervenções que os estudos *quare* e a crítica *queer of color* inscrevem para reparar e corrigir as brechas interseccionais presentes no movimento social e intelectual *queer* mais antigo.

Por fim, considerando alguns trabalhos identificados na literatura nacional e internacional, uma reflexão é organizada especificamente para fomentar a compreensão sobre a seguinte questão: como podem ser pensados e explorados os sentidos intervencionistas do referencial teórico ofertado pelos estudos *queer*, especialmente, as perspectivas *quare* e a crítica *queer of color* em pesquisas comunicacionais brasileiras, a exemplo dos estudos em publicidade?

1. Teoria *queer*: algumas noções e lacunas conceituais

A expressão teoria *queer* surgiu em meados de 1990, nos Estados Unidos da América (EUA), conceitualmente, cunhada por Teresa de Lauretis³, em fevereiro daquele ano, em conferência realizada na Universidade da Califórnia – Santa Cruz. A publicação do texto dessa conferência intitulado *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*, posteriormente, em 1991, integrou uma edição especial do periódico *differences: a Feminist Cultural Studies Journal*⁴.

Nesse contexto, é significativo demarcar que a literatura também registra que foi a chicana Gloria Anzaldúa⁵, também nos EUA, a primeira autora a utilizar o termo *queer*, na sua clássica obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, de 1987.

De acordo com Burns (2005), nos idos de 1990 uma nova geração de ativistas e acadêmicos lésbicas e gays, nos EUA, começaram a utilizar o termo político *queer* para se autodefinirem⁶. Henderson agrega que o termo *queer*, por não inscrever categorizações e incorporar a diversidade ao cunhar, por exemplo, críticas à heteronormatividade e a outros sistemas, funciona de duas formas:

(a) como um termo de cobertura [guarda-chuva] para todos os tipos de não-conformidade sexual e (b) para significar um tipo de deslize categórico em que a diferença sexual não pode ser identificada e, portanto, abre espaço para a indeterminação sociossexual bem como para a sua estrutura. (Henderson, 2001, p. 469, tradução livre).

Com efeito, Guacira Lopes Louro, pesquisadora pioneira dos estudos *queer* no Brasil, a partir do campo da educação, ressalta ainda ser necessário registrar “que a preferência por *queer*

³ É adequado pontuar, como relembra Santos, que “três anos depois a autora renunciou ao conceito, por considerá-lo desprovido de significado. Num artigo intitulado *Habit Changes*, publicado em 1994, Lauretis explicitou a sua perspectiva: ‘Quanto à ‘teoria queer’, a minha insistente especificação lésbica pode ser encarada como um distanciamento daquilo que, desde que a sugeri enquanto hipótese de trabalho para os estudos gays e lésbicos nesta mesma revista (*differences*, 3.2), cedo se transformou numa criatura conceptualmente vazia da indústria editorial. (1994: 297)” (Santos, 2006, p. 6).

⁴ Ver: <https://courses.lumenlearning.com/suny-lgbtq-studies/chapter/introduction/>. Acesso em: 19 mai. 2022.

⁵ Anzaldúa construiu uma teoria das fronteiras. Segundo Boe e Jordan, nessa perspectiva, “Anzaldúa (1987) vai além de simples divisões do *aqui* ou *ali*, *nós* ou *eles* para enquadrar as fronteiras como espaços psíquicos, sociais e culturais que habitamos. Para ilustrar, ela oferece a metáfora de um rio e as duas margens. Ficar em qualquer uma das margens representa assumir uma postura ontológica sociocultural, e o rio representa o espaço entre as posições” (Boe; Jordan, 2019, p. 5-6, tradução livre, grifo dos autores).

⁶ Safatle ressalta que “*queer* aparece no inglês do século XVI para designar o que é ‘estranho’, ‘excêntrico’, ‘peculiar’. A partir do século XIX, a palavra começa a ser usada como um xingamento para caracterizar homossexuais e outros sujeitos com comportamentos sexuais aparentemente desviantes” (Safatle, 2015, n.p.).

também representa, pelo menos na ótica de alguns, uma rejeição ao caráter médico que estaria implícito na expressão ‘homossexual’” (Louro, 2001, p. 546).

Já Adams e Jones (2017) alinhavam pontuando que o vocábulo em tela abarca muitas definições e usos, porém um indivíduo “*queer*, ou um texto *queer*, é quem/aquele que desafia as expectativas dominantes, patriarcais e heteronormativas de romance e amor, gênero e sexualidade” (Adams; Jones, 2017, p. 1, tradução livre).

Sobre a tradução do termo *queer* para o português, é pertinente inscrever neste trabalho as reflexões de Pereira (2012). No olhar desse autor, em português há algumas propostas para nomear a teoria *queer* como “teoria rarita”, “estudos transviados”, “teoria vadia”, entre outras. No entanto, essas proposições não dão ainda conta de transmitir e provocar em português o mesmo efeito e desconforto causado pelo uso do termo em inglês. Pereira elucida ainda que o termo “*queer* é, assim, tanto adjetivo (ou substantivo) como, mais apropriadamente, verbo. Um verbo que desenha ações e deslocamentos arriscados, delineando trajetórias múltiplas de corpos instáveis, provisórios e cindidos. (Pereira, 2012, p. 373).

Posto, brevemente, esses sentidos inscritos ao termo *queer*, direciona-se desse modo para as reflexões sobre algumas perspectivas da teoria denominada *queer*, ou estudos *queer*, que, conforme a literatura aponta, tem os seus fundamentos no feminismo, na filosofia e nos estudos gays e lésbicos⁷. De acordo com Adams e Jones (2017), a teoria *queer* tem as suas bases nos trabalhos de Butler (1990; 1993), Lauretis (1991), Sedgwick (1985; 1990), Foucault (1978), entre outros.

Nesse enquadramento, de acordo com Miskolci (2017), três importantes obras delinearam as curvaturas dessa teoria, ainda na década de 1990, a saber: “*Problemas de Gênero*, de Butler, *One Hundred Years of Homosexuality* (Cem anos de homossexualidade), de David M. Halperin, e, sobretudo, o grande livro fundador da Teoria *Queer*, *A epistemologia do armário*, de Eve Kosofsky Sedgwick” (Miskolci, 2017, p. 32).

Para Louro, a teoria *queer* é capaz de ser entendida como “um conjunto de saberes que

⁷ Neste ponto, é oportuno inscrever o olhar de Santos (2006) para alertar que “a utilização contemporânea do conceito *queer* conduziu a uma categoria-chapéu, frequentemente utilizada como atalho conceptual para designar pessoas e temas lésbicos, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). Contudo, se a história dos estudos gays e lésbicos é indispensável para a emergência dos estudos *queer*, esse passo dá-se mais por resistência do que por continuidade. Com efeito, e contrariamente ao que por vezes é veiculado, os estudos *queer* não são sinónimo de estudos gays e lésbicos [...], embora seja possível analisar a temática LGBT da perspectiva dos estudos *queer*” (Santos, 2006, p. 6).

poderiam ser qualificados como ‘subalternos’, quer dizer, saberes, que se construíram e se constroem fora das sistematizações tradicionais, saberes predominantemente desconstrutivos mais do que propositivos” (Revista Cult, 2014, p. 36).

Já observando o trabalho dos intelectuais *queer*, em seu clássico texto *Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação*, Louro (2001) enfatiza que

Ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e as teóricas *queer* sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias. O alvo dessa política e dessa teoria não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos. Trata-se, portanto, de uma mudança no foco e nas estratégias de análise; trata-se de uma outra perspectiva epistemológica que está voltada, como diz Seidman [1995], para a cultura, para as “estruturas lingüísticas ou discursivas” e para seus “contextos institucionais” (Louro, 2001, p. 549).

Compartilhadas essas noções conceituais, no Quadro 1 consta uma breve articulação acerca das principais ideias, eixos e características em que a teoria *queer* se estrutura, conforme Santos (2006), Bento (2014) e Adams e Jones (2017).

No contemporâneo, levando em consideração que uma expressiva parte da teoria *queer* é dirigida contra o policiamento da identidade, em entrevista, concedida para Sara Ahmed, em 2016, Butler declarou-se surpresa e desorientada com o aparecimento de estudos *queer*, em alguns lugares da Europa, que inscrevem afirmações acerca de ditas “identidades *queer*”.

Segundo a autora, “agora as pessoas dizem: ‘eu sou *queer*’, e no momento que a teoria começou, tenho bastante certeza de que quase todos achavam que *queer* não deveria ser uma identidade, mas sim nomear algo da trajetória incapturável ou imprevisível de uma vida sexual” (Comciência, 2017, on-line)⁸.

Nesse ponto, é pertinente resgatar as reflexões de Seidman (1996), quando esse autor incisivamente elucida e tensiona que o objetivo da teoria *queer*

[...] não é abandonar a identidade como uma categoria de conhecimento e política, mas torná-la permanentemente aberta e contestável quanto ao seu significado e papel político

⁸ A tradução em português dessa entrevista foi publicada pela revista ComCiência (2017) registrada nas referências deste artigo. A entrevista original integra a revista *Sexualities*, 2016, v. 19, n. 4, p. 482-492. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1363460716629607>. Acesso em: 20 mai. 2022.

[...]. O ganho, dizem os teóricos *queer*, de figurar a identidade como permanentemente aberta quanto ao seu significado e uso político é que isso encoraja o emergir público das diferenças ou de uma cultura onde múltiplas vozes e interesses são escutados. (Seidman, 1996, p. 12, tradução livre).

Retornando ao contexto hodierno, em consonância com esse esclarecimento de Seidman, Rea e Amancio (2018) enfatizam que a teoria *queer* se ampara, portanto, em uma política de identidades não essencializadas, isto é, nessa perspectiva teórica a identidade “é uma estratégia e não uma essência” (Rea; Amancio, 2018, p. 4).

Quadro 1 – Teoria *queer* – principais características, eixos e ideias

CARACTERÍSTICAS (ADAMS e JONES, 2017)	EIXOS (BENTO, 2014)	IDEIAS (SANTOS, 2006)
1) Projetos <i>queer</i> tendem a tratar a identidade como uma “conquista” (Garfinkel, 1967) com o objetivo de interromper debates canônicos sobre visões essencialistas e construcionistas da individualidade [...].	1) Desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais).	1) As identidades são sempre múltiplas, compostas por um número infinito de “componentes de identidade” – classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade, etnia, etc. – que podem articular-se de inúmeras formas.
2) Projetos <i>queer</i> desafiam categorias de identidade e ilustram limitações opressivas da linguagem.	2) Ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social.	2) Qualquer identidade construída – como, de resto, todas são – é arbitrária, instável e excludente, uma vez que implica o silenciamento de outras experiências de vida.
3) Os projetos <i>queer</i> adotam uma filosofia de mudança social, que tenta encontrar e usar estratégias discursivas subversivas para melhorar as crenças, práticas e relacionamentos culturais.	3) A permanente problematização das binaridades.	3) Ao invés de defender o abandono total da identidade enquanto categoria política, a teoria <i>queer</i> propõe que reconhecamos o seu significado permanentemente aberto, fluido e passível de contestação, abordagem que visa encorajar o surgimento de diferenças e a construção de uma cultura onde a diversidade é acolhida.
4) Os projetos <i>queer</i> abrangem corpos, identidades, afetos e relacionamentos frequentemente considerados indesejáveis, ou abjetos.	4) Prioridade à dimensão da agência humana.	4) A teoria <i>queer</i> postula que a teoria ou política de homossexualidade centrada no “homossexual” reforça a dicotomia hetero/homo, fortalecendo o actual regime sexual que estrutura e condiciona as relações sociais ocidentais. Neste sentido, a teoria <i>queer</i> visa desafiar tal regime sexual enquanto sistema de conhecimentos que coloca as categorias heterossexual e homossexual como pedras angulares das identidades sexuais.
	5) Crítica ao binarismo de gênero (masculino versus feminino) e sexual (heterossexual versus homossexual).	

Fonte: adaptado de Adams e Jones (2017, tradução livre), Bento (*Revista Cult*, 2014) e Santos (2006).

Com efeito, retomando a crítica de Butler frente ao seu desconcerto de observar dissonâncias e apropriações outras que vêm sendo aproximadas das abordagens do pensamento *queer* e as suas expressões pós-identitárias, Butler diz ficar “muito mais atraída pelo trabalho

queer que está sondando as possibilidades de aliança, e não apenas lutando pelos direitos de uma identidade” (Comciência, 2017, *on-line*).

Nessa direção, ela aponta alguns exemplos de movimentos *queer* que estão investindo e promovendo tais alianças, como, por exemplo, os *Palestinian Queers for Boycott, Divestment and Sanctions*⁹ (PQBDS) e os indivíduos *queer* que se aliam contra o racismo. Nessa percepção, ressaltando ainda a questão racial, Butler observa e enfatiza que

[...] embora certas versões [...] *queer* tenham sido corretamente criticadas por serem presumivelmente brancas e classistas, penso que o movimento [*queer of color*] fez um trabalho enormemente poderoso para redirecionar a orientação do termo, democratizar seu potencial e expor e opor seus limites de exclusão no contexto de uma luta em expansão, de articulação de uma aliança mais complexa que contesta algumas das versões mais antigas do “coletivo”. (Comciência, 2017, *on-line*).

É importante frisar, diante desse olhar de Butler, que apesar das questões raciais e étnicas não terem sido consideradas adequadamente na edificação do movimento e dos estudos *queer* clássicos, o alerta e o agendamento para que tais problemáticas fossem consideradas na construção do saber *queer* constam registrados nos trabalhos seminais da teoria, especificamente, por exemplo, nos escritos de Lauretis (1991) e da própria Butler (1993 [2019])¹⁰. Esse apontamento também é ressaltado por Morais (2020).

Desse modo, foi diante do desconforto inscrito por esse silenciamento para as questões interseccionais que teóricas e teóricos *queer* não brancos fortemente contestaram e criticaram as expressões e abordagens da teoria *queer* tradicional, que não contemplavam adequadamente as suas experiências e vivências interseccionais como indivíduos *queer of color*.

Anzaldúa, por exemplo, nos idos de 1990, já alertava que o “*queer* é usado como um falso guarda-chuva unificador sob o qual todos os ‘*queers*’ de todas as raças, etnias e classes estão protegidos. [Entretanto,] mesmo quando buscamos abrigo sob ele, não devemos esquecer que ele homogeniza e apaga as nossas diferenças” (Anzaldúa, 1991, p. 250, tradução livre).

Dessa forma, foi na direção de construir um caminho de reparação e correção a essas

⁹ Em tradução livre: *Queers Palestinos para Boicote, Desinvestimento e Sanções*. Disponível em: <https://pqbds.wordpress.com/>. Acesso em: 19 mai. 2022.

¹⁰ Essa obra de Butler foi traduzida para o português, em 2019, com o título *Corpos que importam: os limites discursivos do ‘sexo’*. Essa produção consta nas referências no final deste trabalho.

lacunas e “a negação das singulares vidas de indivíduos *queer* não brancos na teoria *queer*” (Alexander, 2018, p. 502) que os estudos *quare* (Johnson, 2001) e a crítica *queer of color* (Ferguson, 2004) emergem interpelando e ampliando as abordagens do movimento e do conhecimento *queer* tradicionais.

2. Estudos *quare* e crítica *queer of color*

A teoria *quare* e a crítica *queer of color* são abordagens teóricas responsivas ao uso da retórica da teoria *queer* clássica. Essa última que, conforme Johnson (2015) salienta, “considera as identificações fictícias’, mas, em última análise, privilegia a branquitude” (Johnson, 2015, p. 231, tradução livre) e as suas experiências nas estruturas do conjunto dos seus conhecimentos.

A proposta dos estudos *quare*¹¹ foi introduzida por E. Patrick Johnson (2001), no seu célebre ensaio “*Quare*” *Studies, or (Almost) Everything I Know About Queer Studies I Learned from My Grandmother*. Nessa publicação, considerando a significativa brecha teórica e a escassez de atenção estabelecida à raça e à classe nos estudos *queer* tradicionais, Johnson apresenta a sua acepção de estudos *quare* “para suturar essa lacuna, [...] como uma rearticulação vernacular e mobilização da teoria *queer* para acomodar o conhecimento sexual racializado” (Johnson, 2001, p. 1, tradução livre).

Dessa maneira, conforme Alexander (2018), os estudos *quare* podem ser entendidos como uma crítica, uma contrateoria e talvez, mais importante, uma contranarrativa à teoria *queer*. Com essa perspectiva, a proposta dos estudos *quare*, segundo Johnson,

[...] não só transpassa as identidades, mas também as articula. “*Quare*” oferece uma maneira

¹¹ Johnson (2001) esclarece que utiliza o termo *quare* baseado “nas raízes vernáculas implícitas no uso da palavra por [sua] avó para conceber uma estratégia para teorizar a sexualidade racializada” (Johnson, 2001, p. 3, tradução livre). Ele continua explicando o uso e os sentidos do termo *queer* em sua família: “minha avó, por exemplo, usava-o com frequência quando eu era criança [...]. Quando ela diz a palavra, ela o faz em um dialeto denso e negro do Sul [dos EUA]: ‘*That sho’ll is a quare chile*’ [“Essa é, com certeza, uma criança *queer*]. Seu uso de ‘*queer*’ [como *quare*] é quase sempre nuançado. Ainda assim, pode-se perguntar: o que poderia uma mulher pobre, negra, de oitenta e poucos anos, sulista e homofóbica, ensinar ao seu neto gay instruído, de classe média, de trinta e poucos anos, sobre estudos *queer*? Tudo. Ou *quase* tudo. Por um lado, minha avó usa ‘*quare*’ para denotar algo ou alguém que é estranho, irregular ou ligeiramente fora da norma - definições que seguem os entendimentos e usos tradicionais de ‘*queer*’. Por outro lado, ela também emprega ‘*quare*’ para conotar algo excessivo - algo que pode filosoficamente se traduzir em um excesso de discursos e significados epistemológicos fundamentados em rituais culturais e nas experiências vividas afro-americanas. O saber ou não saber dela *vis-à-vis* ‘*quare*’ é baseado em sua própria ‘múltipla e complexa posicionalidade social, histórica e cultural’ [...]. É essa posicionalidade específica da cultura que acho ausente no uso dominante e mais convencional de ‘*queer*’, particularmente em sua reapropriação teórica mais recente na academia” (Johnson, 2001, p. 2, tradução livre, grifo do autor).

de criticar noções estáveis de identidade e, ao mesmo tempo, situar os conhecimentos racializados e de classe. *Meu projeto é de revisão e recuperação*. Eu quero manter o espírito lúdico e de inclusividade do “*queer*”, que inspira muito da teoria *queer*, mas eu também quero descartar tendências homogeneizantes. (Johnson, 2001, p. 3, tradução livre, grifo nosso).

Morais *et al.* (2019) complementam essas discussões conceituais ao observarem que

Ao mobilizar as tensões suscitadas entre distintas instâncias identificadoras e idealizar um projeto cujo objetivo maior é uma irrestrita inclusividade, Johnson reivindica a legitimação de um “corpo político” renovado. Em outros termos, um corpo político que não restrinja a identidade a um monólito indivisível alicerçado a uma compreensão essencialista de raça, etnia e gênero, nem elida a materialidade dos corpos, frequentemente convertidos em um local de trauma, onde coerção e violência racistas e/ou sexistas e/ou trans/homofóbicas são operadas. (Morais *et al.*, 2019, p. 68).

Em suma, com suporte e referência aos pensamentos de Moraga e Anzaldúa (1983, p. 23), Johnson pontua que os estudos *quare* podem ser entendidos como uma teoria de e para indivíduos LGBTQIA+ não brancos. Desse modo, esses estudos formam “uma ‘teoria na carne’ [...]”. As teorias na carne enfatizam a diversidade dentre e entre os [indivíduos *queer*] não brancos, ao mesmo tempo em que explicam como o racismo e o classismo afetam como vivemos e teorizamos o mundo” (Johnson, 2001, p. 3, tradução livre).

Mas qual a conexão entre os estudos *quare* e a crítica *queer of color*? Como elas se implicam? Ambas as abordagens dialogam e convergem com o espírito de promover intervenções e interpelar as estruturas do movimento e da produção intelectual *queer* convencional, como já indicado. Nessa direção, entre outros pontos de contato teóricos, por exemplo, esses enfoques críticos se apoiam no pensamento do feminismo negro¹², especialmente, nas dimensões de sentidos acionados pela perspectiva da interseccionalidade para abarcar e tensionar a pluralidade de vozes que integram as humanidades *queer*, como se abordará com mais atenção *a posteriori*.

No entanto, é necessário demarcar que foi a partir das contestações dos estudos *quare* que “outros/novos” referenciais teóricos emergiram, com mais profusão, como a “crítica *queer*

¹² Johnson e Rivera-Servera (2016) reforçam que “não menos pela teoria do que pela performance, as feministas não brancas [negras, latinas, entre outras] dos anos 1970 e 1980 forjaram a física e metafórica ‘ponte’ que instanciava a interconexão de raça, gênero, classe e sexualidade” (Johnson; Rivera-Servera, 2016, p. 6, tradução livre).

of color” e outras iniciativas consonantes¹³.

O termo crítica ou análise *queer of color*¹⁴ foi cunhado por Roderick A. Ferguson, também nos EUA para nomear um conjunto de obras, que despontaram no início do século XXI, advindas de tradicionais campos do saber, como a antropologia, a sociologia e a literatura inglesa, e de trabalhos interdisciplinares, como os estudos feministas, estudos culturais e estudos raciais e étnicos.

Para Ferguson, com o suporte dessas abordagens teóricas, a crítica *queer of color* pode ser compreendida como uma

[...] interroga[ção] às formações sociais como *as intersecções de raça, gênero, sexualidade e classe*, com interesse particular de ressaltar como elas correspondem ou divergem de ideais e práticas nacionalistas. A análise *queer of color* é um empreendimento heterogêneo composto do feminismo negro, análise materialista, teoria pós-estruturalista e crítica *queer*. (Ferguson, 2004, p. 147, tradução livre, grifo nosso).

Em complemento, Manalansan IV (2018) pontua e reforça que essa abordagem teórica tem o seu horizonte analítico fundamentado pelos saberes da teoria feminista, especialmente nos trabalhos de Anzaldúa (1990); Lorde (1994), entre outros; nos estudos *queer* e nos estudos críticos étnico-raciais de Reddy (2011) e Somerville (2000) e nos estudos da diáspora/migração, de Gopinath (2005). Os estudos indígenas, como os de Smith (1999), também devem ser considerados nesse conjunto teórico que sustenta a crítica *queer of color*, como lembra Brockenbrough (2015).

Em síntese, Rea e Amancio alinham

[...] que a plataforma QOC [*queer of color*] reúne um vasto arco de autor@s, escritor@s, teóric@s, academic@s, artistas e militantes, oriund@s dos diferentes grupos marginalizad@s e racializad@s. Ela inclui a *Black Queer Theory*, mas também as produções de autor@s chican@s e latin@s, árabes, asiatic@s e indígenas que questionam o modelo homonormativo que impõe “uma agenda política restritiva [...], uma história teleológica e uma concepção ocidental da sexualidade e da modernidade” [...]. (Rea; Amancio, 2018, p. 18).

Segundo Manalansan IV (2018, p. 1), a crítica *queer of color* vem sendo identificada na

¹³ Como, por exemplo, é pertinente também registrar que inspirado nesse trabalho de Johnson (2001), Lee (2003) inscreve a sua proposta para se pensar em uma “teoria kuaer” pautada na consciência racial, mulherista e transnacional.

¹⁴ Ferguson (2004), de modo alternado, ao longo das suas discussões, utiliza os termos “crítica” e “análise” como sinônimos.

literatura de modo diverso, sendo descrita como uma metodologia, uma perspectiva teórica e uma posição/orientação política. Nesse sentido, os direcionamentos da crítica *queer of color* interpelam as formações sociais, as matrizes interseccionais de raça, gênero, sexualidade, classe e nacionalidade, especialmente a partir de dentro de suas estruturas, com o propósito de evidenciar e, desse modo, “transformar os fundamentos normativos dessas formações [...]” (Adjepong, 2017, p. 8, tradução livre).

É na conjugação desses saberes, e outros correlatos sobre as diferenças, que o racional da crítica *queer of color* é articulado, bem como de acordo com “Ferguson amplia a noção de interseccionalidade de Kimberley Crenshaw (1989), [...] dentro de quadros pós-nacionalistas e transnacionalistas e a fundamenta nas experiências e histórias de *queers* não brancos” (Manalansan, 2018, p. 1, tradução livre).

O conceito de interseccionalidade foi introduzido por Crenshaw, em 1989. Esse termo ilustra e reverbera toda uma tradição de saberes advindos do pensamento feminista negro estadunidense, conforme pontua Collins (2017). O olhar de Crenshaw sobre a interseccionalidade considera três principais aspectos: o estrutural, o político e o representacional. Para essa autora,

[...] a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p. 177).

Nessa compreensão, é importante também demarcar que bem antes da bem-sucedida aceitação no campo científico desse conceito popularizado por Crenshaw, a cientista brasileira Lélia González, e outras ao redor do mundo, já discutia essa ideia e as dimensões incutidas nela, a partir do contexto brasileiro, conforme recorda Corrêa (2020).

Nesse horizonte, de modo crítico, Collins e Taborda-Whitt (2017) observam que a interseccionalidade, tradicionalmente, como visto na literatura, tem as suas bases em pesquisas mais direcionadas particularmente para as mulheres negras. Desse modo, “menos investigadas são as experiências e perspectivas daqueles que se identificam como *queer* (lésbica, gay,

bissexual ou transgênero)¹⁵ e como uma minoria racial e/ou étnica – as pessoas *queer of color* [...]” (Collins; Taborda-Whitt, 2017, p. 1, tradução livre, grifo dos autores).

De modo propositivo, nesse contexto, Alexander (2018) reivindica a perspectiva teórica da interseccionalidade, proposta por Crenshaw, também para os estudos *queer* ou mesmo para a crítica *queer of color*. Para ele, essa articulação pode ser observada como “[...] uma nova forma de teorizar a experiência vivida contra os regimes das categorias restritas e delimitadas de identificação, que a teoria *queer* frequentemente demanda, flexionando as variáveis de raça, gênero e classe” (Alexander, 2018, p. 504, tradução livre).

Ao postular a interseccionalidade para os estudos *queer of color*, Alexander (2018) mostra-se ciente das críticas que a abordagem teórica interseccional tem sofrido por não teorizar as relações de poder e pela ausência da diferença social nos seus tensionamentos, pontos esses que, segundo ele, de modo mais crítico, “a análise *queer of color* e ou teoria *quare* atenderiam [...]” (Alexander, 2018, p. 504, tradução livre). Pois, ainda de acordo com esse autor, “a análise *queer of color* deve desmascarar a ideia de que raça, classe, gênero e sexualidade são formações distintas, aparentemente isoladas umas das outras” (Alexander, 2018, p. 514, tradução livre).

Nesse contexto, Manalansan IV prudentemente observa que:

Embora a crítica *queer of color* tenha ganhado uma existência institucionalizada, ela também tem sido sujeita a várias avaliações negativas. Onde está o sexo? O que aconteceu com o sexo? A crítica *queer of color* bagunçou e eviscerou o sexo da equação *queer*? A crítica *queer of color* tem sido sujeita à típica avaliação de dessexualizar o *queer*, colocando-o abaixo de classe, gênero, raça e etnia. Claramente este não é o caso. Sexo não é apenas uma série de encontros e práticas sensoriais carnis. Sexo é mais do que isso. (Manalansan IV, 2018, p. 2, tradução livre).

Frente a essas leituras equivocadas é preciso reforçar que as lentes críticas da análise *queer of color*, bem como dos estudos *quare*, demandam ações e movimentos que produzam caminhos para

[...] repensar o *queer* e a dissidência sexual de forma interseccional e repensar a interseccionalidade em uma perspectiva *queer*, apontando para suas significações

¹⁵ “Reconhecemos que definir ‘*queer*’ como lésbica, gay, bissexual ou transgênero [LGBTQIA+] pode ser considerado limitante por normas mais contemporâneas que abrangem identidades como gênero, pansexual, bipolar e inconformista de gênero, para citar alguns” (Collins; Taborda-Whitt, 2017, p. 1, tradução livre).

teóricas e suas possibilidades de utilizações políticas e militantes, constitui uma das linhas da crítica *queer of color* (Rea, 2018, p. 124).

Nessa perspectiva, como uma das formas de aplicar a *crítica queer of color*, Muñoz (1999) propõe o método ou a estratégia denominada desidentificação. Para Muñoz (1999, p. 200), a desidentificação é entendida, grosso modo, como um ponto de partida, como um processo, uma construção. Ela é um modo de ler e performar e ultimamente uma forma de construir significados que violem o “repressivo regime da verdade” (Muñoz, 1999, p. 199, tradução livre).

Para Filho (2018), de modo mais objetivo, a estratégia de

[...] desidentificação seria uma espécie de terceira via de lidar com a cultura dominante. Um entrelugar: entre a recusa e a aceitação total e sem mediação dessa cultura, como poderíamos ver em estratégias de certos grupos minoritários de assimilacionismo. A desidentificação, portanto, seria um jogo duplo de negação e aceitação, uma forma de empregar elementos dessa cultura através de uma subjetividade outra como uma forma de tentar mudar essa mesma cultura através de um uso subvertido de seus próprios elementos. (Filho, 2018, p. 255).

Em suma, Muñoz exemplifica e alinha que a estratégia de

[...] desidentificação é sobre reciclagem e sobre o *repensar de significados codificados*. O processo de *desidentificação embaralha e reconstrói a mensagem codificada de um texto cultural* de uma forma que tanto expõe as maquinações universalizantes e excludentes codificadas da mensagem e reprograma seu funcionamento *para dar conta, incluir e capacitar identidades minoritárias e identificações*. Assim, desidentificação é um passo além, é mais do que rachar o código da maioria; ele passa a usar esse código como matéria-prima para a representação de posicionalidades ou políticas desempoderadas que tenham sido instituídas como impensáveis pela cultura dominante. (Muñoz, 1999, p. 31, grifo nosso, tradução livre).

Demarcado esses direcionamentos que os estudos *quare* e a crítica *queer of color* oferecem, com mais segurança avança-se com as reflexões deste texto para no próximo tópico inscrever alguns breves comentários que sinalizem pistas sobre como as perspectivas *queer* poderiam ser pensadas em pesquisas comunicacionais, como as que focam construir as suas reflexões a partir dos estudos publicitários.

3. Aportes teóricos *queer* como lentes críticas para os estudos publicitários

Ao acionar os aportes teóricos *queer*, discutidos *a priori*, é possível “chamar atenção para ações sociais, práticas e ideias que constroem e definem o que é normal, bem como [estimulam e levam] a questionar o valor de tais construções” (Oswald *et al.*, 2005; Oswald *et al.*, 2009, tradução livre). Ao tensionar e interrogar essas estruturas, a partir de diversos campos sociais [como o campo da comunicação e suas materialidades midiáticas], as lentes teóricas *queer* podem facilitar e estimular o desenvolvimento e a articulação de ações e estratégias multifacetadas de resistência para a desidentificação (Muñoz, 1999), ou seja, para a intervenção e desconstrução (revisão, modificação etc.) de práticas e ideias normativas, como já pontuado.

Nesse sentido, nos idos de 1980 e 1990, ao observar a expressiva utilização dos estudos gays, lésbicos, bem como, posteriormente, os estudos bissexuais, transgêneros e as perspectivas teóricas *queer* nas pesquisas comunicacionais, Henderson (2001), considerando esse conjunto de trabalhos, inscreve um convite de pensá-lo também como estudos de comunicação *queer*.

Ainda segundo essa autora, esses trabalhos científicos investiriam esforços para implicar nos seus contextos e produção de saber o reconhecimento mais matizado do lugar da prática e repercussão comunicativa e midiática nas sexualidades humanas, e vice-versa, estabelecendo outros pontos de contato entre as perspectivas *queer* e as visadas comunicacionais e midiáticas que conduzissem significados para mudanças sociais. No entanto, sem ingenuidade, mas assumindo uma visão promissora, Henderson (2001) reconhece, parafraseando Hall (1990), que os estudos de comunicação *queer* podem oferecer possibilidades de transformação, porém sem garantias.

Nesse contexto, Doty (1993) pontua ser profícuo perceber que as ferramentas teóricas e expressões *queer* “ao mesmo tempo que sugerem maneiras de questionar a nossa compreensão sobre como essas expressões funcionam na produção e recepção da cultura de massa, em última análise, desafia e confundi a nossa compreensão e uso de categorias sexuais e de gênero” (Doty, 1993, p. xvii, tradução livre).

Dessa maneira, elas formam e oferecem caminhos úteis para as investigações comunicacionais, como os estudos em publicidade, por exemplo, como já dito, praticarem o exercício de interrogar estrategicamente às imagens e narrativas midiáticas que circulam no social observando, a representatividade de indivíduos *queer of color* ou não nesses textos culturais e os efeitos dessas presenças ou ausências na edificação de “novas/outras” leituras e

(re)aprendizagens sobre mundos possíveis.

À vista disso, os pensamentos advindos dos estudos *queer*, especialmente com foco interseccional, poderiam assegurar lentes críticas aos olhares e às reflexões das investigações comunicacionais, em relação a analisar as expressões e a representatividade de indivíduos LGBTQIA+ nos espaços das produções midiáticas como, por exemplo, nas materialidades publicitárias. Essas perspectivas teóricas poderiam também tensionar e facilitar o processo de perceber, sem ingenuidade, como a transgressão da comunicação publicitária com expressões LGBTQIA+ repercutem ou não nos espaços de consumos/recepção, frente aos roteiros de representações dominantes tradicionalmente acionados pela mídia.

Mas como as perspectivas teóricas *queer* podem refletir sobre um objeto como a publicidade, que se configura como um importante elemento sociocultural, ao mesmo tempo que o seu objetivo-fim precisa responder a sua natureza mercadológica?

Essa pertinente problematização deve ser lida em linha com as preocupações anticapitalistas que atravessam o racional dos estudos *queer* (Sears, 2005; Gibson-Graham, 1999 etc.). No entanto, devido ao objetivo deste trabalho e ao limite deste espaço, essa temática não será adensada neste texto, mas algumas pistas são inscritas a seguir de modo a colaborar com informações que encaminhem orientações de respostas a indagação postulada.

Com efeito, como já se discutiu em outra oportunidade (Leite, 2021), inicialmente, é importante enfatizar que a publicidade assim como o jornalismo, o cinema, rádio e TV, entre outras instituições da área da comunicação, integram a indústria midiática, que, “ao produzirem e fornecerem os seus produtos culturais” (Van Cuilenburg, 1999, p. 192), movimentam significativos mercados, a exemplo, segundo Van Cuilenburg (1999): o “mercado econômico” e o “mercado de ideias”, este último também nomeado por Lacy e Simon (1993) como “mercado intelectual”. Esses mercados são operados simultaneamente.

O conceito de “mercado intelectual” [...] afirma que as ideias competem por atenção e aceitação do público. Assim como os consumidores em um mercado econômico comprarão a mercadoria que melhor atenda às suas demandas, os cidadãos, consumidores da mídia, eleitores e funcionários favorecerão as ideias que funcionam melhor para a sociedade. Ao transplantar a lógica do mercado econômico para o modelo do mercado de ideias, temos de operar com premissas comparáveis. [Por exemplo, a] diversidade [racial, gênero, sexualidades etc.] só resultará de um mercado de ideias se o número de fornecedores diferentes for grande e a competição entre eles for plena e justa,

de modo que não exista domínio do poder (Van Cuilenburg, 1999, p. 192-193, tradução livre).

Salutarmente, como um dos principais discursos dessa indústria, as materialidades publicitárias (p.ex. os anúncios e outras ações de marcas) devem ser entendidas como textos culturais plurissígnicos (Kates, 1999), que pelas suas práticas discursivas refletem e refratam o social (Trindade, 2012) ao desempenhar as suas funções e esforços para alcançar planejados objetivos mercadológicos.

Nesse horizonte, pensando o contexto brasileiro contemporâneo, também é produtivo reconhecer, conforme alerta Fry (2002), que a publicidade queira-se ou não é um dos discursos mais potentes na difusão de ideias no país. Logo, é com a consciência desse cenário, que o exercício de pensar uma aproximação entre os estudos *queer* e a publicidade (os estudos publicitários), se faz pertinente e urgente. Especialmente, considerando o potencial que as perspectivas *queer* oferecem para interrogar e interferir criticamente na rearticulação e atualização dessas ideias que a publicidade (e outras áreas da indústria midiática), subsidiada pela força da articulação desses mercados, faz circular cotidianamente na sociedade através das suas materialidades.

Refletindo essa consciência, é propositivo ainda salientar que as críticas anticapitalistas que os estudos *queer* inscrevem não visam interditar e nem desestimular as possibilidades de uso do seu aporte teórico para a articulação de leituras, diálogos, aproximações e aplicações críticas na direção de objetos advindos de cenários complexos e ambivalentes como os dos mercados econômicos e de ideias que conformam a indústria midiática. Pelo contrário, a literatura vem registrando a produção de significativos trabalhos que investem tanto na análise e interpelação das materialidades midiáticas (da publicidade, do jornalismo, do cinema, dos games etc.) quanto da indústria que as produzem (Ruberg, 2020; Preciado, 2014; Peele, 2011; Branchik, 2007; Oakenfull; Greenlee, 2005; Henderson, 2001; Doty, 1993 etc.).

Desse modo, aproximar as perspectivas teóricas *queer/quare* e *queer of color* para analisar essas materialidades midiáticas multifacetadas e as suas repercussões sociais, bem como especificamente dialogar com os estudos publicitários, é um contributivo e um premente exercício para conformar um conjunto de ferramentas conceituais que sem pudor confronte, intervenha e interrogue essas esferas poderosas de produção de sentidos suportadas pelo

mercado. O exercício é tensionar tais espaços visando abrir brechas e oportunidades nas suas estruturas para estimular, por exemplo, o acolhimento em suas produções midiáticas de iniciativas e expressões insurgentes e interseccionais que desestabilize o padrão heteronormativo vigente que tradicionalmente conforma e nutre as ideias que implicam o imaginário social. A estratégia de desidentificação proposta por Muñoz (1999), como visto, oferece algumas pistas expressivas para direcionar esse movimento.

De modo profícuo, o percurso de construção de diálogos entre publicidade e as abordagens teóricas *queer* está em curso devido às aberturas sugeridas nos textos referenciados anteriormente, bem como por trabalhos importantes, como, por exemplo, *Making the Ad Perfectly Queer: Marketing "Normality" to the Gay Men's Community?*, de Steven M. Kates (1999).

Esse trabalho de Kates é identificado na literatura como um dos primeiros a investir expressivamente nas discussões que articulam perspectivas teóricas *queer* e estudos publicitários. Nesse texto, o autor oferece um pensamento sobre como a teoria *queer* e a abordagem que ele denomina como “desconstrução *queer*” são aportes potencialmente poderosos “de críticas e perspectivas produtivas para práticas de [comunicação em] marketing mais perceptivas, pois geram significados associados à ‘panóplia da alteridade’ e expõem as maneiras pelas quais o discurso heteronormativo informa várias representações [...]” (Kates, 1999, p. 25) na publicidade. O referencial teórico dos estudos *queer* e da crítica *queer of color* igualmente podem ser acionados nesses esforços. Esse autor ainda elucida que:

A teoria *queer* considera os anúncios como formas de representação cultural tornadas compreensíveis pelo discurso sexual existente [...], reforçando um *status quo* heterossexista. A desconstrução *queer* desafia a denominada relação natural entre significante e significado para gerar ideias subversivas sobre publicidade e sexualidade. Finalmente, essa visão da publicidade como uma prática discursiva - uma atividade informada por influências socioculturais sexuais dominantes - nos permite examinar seu *locus* como um espaço de negociação, reforço e contestação de significados sexuais. (Kates, 1999, p. 28, grifo do autor, tradução livre).

Nesse cenário, ao promover um exercício de aproximação entre as lentes críticas da estratégia de desconstrução *queer*, é possível reforçar que a publicidade se posiciona como um lugar privilegiado de produção e difusão de ideias para as intervenções do pensamento *queer*, especialmente, considerando os seus textos culturais para os consumos (material e imaterial)

que enredam o social. Esses usos e acionamentos teóricos, sugeridos neste trabalho como lentes críticas, reforçariam assim a ideia de construção de uma “crítica das imagens midiáticas *queer*” (Campbell; Carilli, 2013, p. 4) baseada em materialidades publicitárias, que implica os seus reflexos nos espaços da produção e dos consumos da publicidade.

Nessa oportunidade, retomando a ideia “desconstrução *queer*” de Kates (1999), é importante indicar que ela reflete “uma aplicação da desconstrução derridiana análoga à desconstrução feminista (cf. Allen 1987; Derrida 1976,1981; Stern 1993,1996a, b)” (Kates, 1999, p. 31). Desse modo, ainda segundo Kates, o objetivo da desconstrução *queer*, em suma,

[...] é desestabilizar os *significados recebidos* de um texto, subvertendo e *desafiando sua autoridade* ao introduzir [alteridades], conhecimentos conflitantes sobre sexualidade por meio da realização de uma ‘operação de mudança de sexo textual’, semelhante à inversão de papéis feministas (cf. Stern 1993). A desconstrução *queer* prossegue identificando um tema reprimido e perseguindo as suas implicações simbólicas, *no ato da interpretação reconhece a ambivalência e discrepância entre a intenção autoral e uma proliferação de significados possíveis*. (Kates, 1999, p. 31, tradução livre, grifo nosso).

Esses efeitos de interpelação da “desconstrução *queer*” (Kates, 1999) ou da “desconstrução feminista” (Stern, 1993) dialogam fortemente com a proposta de anúncios contraintuitivos (Leite, 2014; 2007), porém, para além de pensar e contestar os significados contidos e recebidos de anúncios e/ou outras materialidades midiáticas, o radar estratégico de narrativas midiáticas contraintuitivas buscam inscrever os seus sentidos, de modo mais amplo, implicando os espaços da produção e os espaços dos consumos (material e imaterial) publicitários.

Há um direcionamento, na proposta de anúncios contraintuitivos, para estimular a produção de significados no social, mediante a edificação/criação e circulação de contranarrativas que utilizem moderadores contraestereotípicos para desconstruir/violar estereótipos tradicionais associados aos grupos minorizados (como as pessoas negras, LGBTQIA+, as mulheres, entre outros) ao agregar “novas/outras” informações positivas sobre as vivências e experiências desses indivíduos no imaginário social. No entanto, apesar dessas distintas sutilezas, ambas as propostas (contraintuitiva e a desconstrução *queer*) se afetam e podem, provavelmente, se fortalecer de modo significativo quando articuladas.

Com efeito, frisa-se também que a perspectiva de “desconstrução” aplicada no racional

dos estudos da publicidade contraintuitiva, apesar de encontrar conexão com as proposições derridianas adotadas por Kates (1999), têm as suas bases nas reflexões advindas da psicologia social com base cognitiva, especificamente dos estudos dos estereótipos (Pereira, 2002), que focam pensar e observar caminhos possíveis, sem garantias, para supressão, redução, deslocamento e diluição de conteúdos negativos estereotípicos, preconceitos e as suas expressões em nível individual e coletivo.

Posto isso, observa-se na literatura nacional alguns trabalhos que direta ou indiretamente também implicam as ideias de desconstrução *queer* e anúncios contraintuitivos como, por exemplo, os trabalhos de Iribure (2008) e Mozdzenski (2019).

Iribure (2008) é um dos percursores dos estudos publicitários LGBTQIA+ no Brasil. Em suas pesquisas o autor vem oferecendo uma proposta de análise das representações das homossexualidades na publicidade, grosso modo, considerando a inscrição propositiva e analítica de duas categorias que enquadram anúncios como “estereotipados”¹⁶ e ou “desconstrucionistas”¹⁷.

Já o trabalho de Mozdzenski (2019) aciona o objetivo de investigar a *outvertising*, no contexto brasileiro. Segundo o autor, a *outvertising* pode ser definida como “[...] uma ampla e diversificada tendência publicitária contemporânea, formada por propagandas desconstrucionistas [Iribure, 2008 etc.] e contraintuitivas [Leite, 2018, 2014 etc.], que visam proporcionar representatividade e protagonismo à comunidade LGBT. (Mozdzenski, 2019, p. 271).

Sobre as bases teóricas da categoria “desconstrutivista” utilizada por Iribure e Mozdzenski, pelo que se observa das leituras dos seus trabalhos, eles não fazem referência à produção de Kates (1999) sobre a proposta da “desconstrução *queer*”. No entanto, os autores

¹⁶ Iribure e Coelho explanam que nessa categoria “constam os comerciais que, através de estereótipos, tendem a inserir uma parcela da sociedade em uma relação de poder que a inferioriza e desvaloriza, estigmatizando esses indivíduos. A norma heterossexual não entra em conflito com o que foge da norma, pois a desvalorização ou redução de atributo dos indivíduos LGBTQIA+ segue uma lógica de reafirmação do padrão heteronormativo hegemônico. Dessa forma, os personagens-mote são incorporados aos comerciais sob a regulação do que dizem, pensam, vestem, pelo cenário, locução, sons e interpretação, reduzindo-os a essas unidades discursivas para reafirmar o que se considera normal dentro da lógica do padrão vigente” (Coelho; Iribure, 2020, p. 7).

¹⁷ Essa categoria acolhe os anúncios que “sugerem novas experiências de gênero e sexualidade que tensionam o modelo heteronormativo por sugerir alternativas e superar expectativas do que se é concebido por personagens tradicionais. O tensionamento acontece por essas representações LGBTQIA+, ainda que necessite uma negociação do que pode ou não tornar-se público do que foge à norma. Sendo assim, a criação de uma diversidade de personagens-mote se sustenta nas mudanças sociais ocasionadas pela parcela social que reivindica sua inserção social” (Coelho; Iribure, 2020, p. 8).

fundamentam e articulam as suas proposições e reflexões, diretamente, na produção de Jacques Derrida, como também recorrem aos trabalhos de autoras e autores que interpretaram as maiores proposições derridianas, como a ideia em tela de desconstrução, deslocando-as inclusive para os estudos de gênero e das sexualidades, como Butler, Arán (2003), entre outros.

À guisa de conclusão, esse breve registro acerca desses importantes pesquisadores brasileiros e as suas contribuições teóricas busca ressaltar os esforços e o racional crítico que eles estão produzindo e disponibilizando para o campo comunicacional, especialmente, a partir dos estudos da publicidade, considerando inclusive as lentes críticas do aporte teórico *queer* tradicional.

Esses trabalhos, entre outros objetivos, ao fornecerem ferramentas críticas sofisticadas que tensionam a normatividade vigente, buscam também movimentar e estimular os espaços publicitários, da produção aos consumos, para o reemprego, a recodificação e a transformação de visões, ações e posturas que acolham as realidades sociais, não de hoje, atravessadas pelas diversas humanidades.

Por fim, é no tentar alcançar e acolher os sentidos do encontro dessas pluralidades que, talvez, os quadros teóricos dos estudos *quare* e da crítica *queer of color* compartilhados neste texto possam fomentar “outras/novas” oportunidades de intervenções, releituras e avanços desses estudos publicitários, bem como instigar crítica e criativamente ao desenvolvimento de investigações originais que radicalmente enfrentem o desafio que a abordagem interseccional (Côrrea, 2020) abarca e postula.

Considerações finais

Este artigo buscou refletir, informar e despertar a atenção sobre o potencial que o aporte teórico dos estudos *quare* e da crítica *queer of color* pode ofertar para apoiar as pesquisas em publicidade, que buscam assegurar e desenvolver em seus processos e abordagens de construção de conhecimentos as perspectivas interseccionais.

Nesse sentido, os esforços deste texto também procuraram incentivar os pesquisadores do campo da comunicação, especialmente, da área publicitária, a considerarem adotar tais referenciais teóricos em suas futuras investigações, visando contribuir desse modo com a

superação da lacuna identificada na literatura dos estudos publicitários brasileiros da quase inexistência de pesquisas, que tensionem essas lentes teóricas.

Por fim, espera-se que este texto tenha conseguido demonstrar que esses quadros teóricos *queer*, entre outras oportunidades, ao fornecerem um conjunto sofisticado e plural de ferramentas críticas que tensionam a normatividade vigente, podem ser observados como importantes e necessárias lentes para analisar, questionar e movimentar e estimular os estudos e espaços publicitários na direção do reemprego, da recodificação e da transformação de visões, ações e posturas que acolham as realidades sociais, não de hoje, atravessadas pelas diferenças e diversas humanidades.

Referências bibliográficas

- ADAMS, T.; JONES, S. Queer Studies. In MATTHES, J.; DAVIS, C.; POTTER, R. *The International Encyclopedia of Communication Research Methods*, 2017.
- ADJEPONG, A. Invading ethnography: a queer of color reflexive practice. *Ethnography*, 1–20, 2017.
- ALEXANDER, B. Queer/Quare Theory: Worldmaking and Methodologies. In. DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (eds.). *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. Fifth Edition. California: Sage, 2018.
- ANZALDÚA, G. To(o) Queer the Writer: Loca, escrita y chicana. In. WARLAND, B. (ed.) *Inversions: Writing by Dykes and Lesbians*. Vancouver: Press Gang, 1991.
- ANZALDÚA, G. (ed.). *Making Face, Making Soul/Haciendo Caras: Creative and Critical Perspectives by Feminists of Color*. California: Aunt Lute Books, 1990.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ARAN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Rev. Estud. Fem.*, v. 11, n. 2, 2003, p.399-422.
- BENTO, B. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. *Revista CULT*. Dossiê: Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. Ed. 193. Ano 17, 2014.
- BOE, J.; JORDAN, L. A look back to move forward: Expanding queer potentiality in family science. *Journal of Critical Thought and Praxis*, v. 8, n. 2, 2019, p. 1-12.
- BRANCHIK, B. Queer Ads: Gay Male Imagery in American Advertising, *Consumption Markets & Culture*, v. 10, n. 2, 2007, p. 147-158.
- BROCKENBROUGH, E. Queer of Color Agency in Educational Contexts: Analytic Frameworks From a

- Queer of Color Critique, *Educational Studies*, v. 51, n. 1, 2015.
- BURNS, K. *Gay and Lesbian Families*. MI/USA, Thompson, 2005.
- BUTLER, J. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, J. *Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. [e-book]. São Paulo: Crocodilo edições: N-1edições, 2019.
- CAMPBELL, J.; CARILLI, T. (Ed.). *Queer Media Images: LGBT Perspectives*. United Kingdom: Lexington Books, 2013.
- COELHO, V.; IRIBURE, A. Todas as Maneiras de Ser Homem: Análise das Representações e Engajamentos da Campanha Natura de Dia dos Pais. *Anais 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020*.
- COLLING, L. et. al. Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não normativos. *Gênero*. Niterói, v. 12, n. 2, p. 77-108, 2012.
- COLLINS, J.; TABORDA-WHITT, C. Editorial - Disrupting human resource development to see, hear, and value queer people of color: A call to action. *New Horizons in Adult Education & Human Resource Development* 29(1), 1-4, 2017.
- COLLINS, P. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, p. 139-167, 1989.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- COMCIÊNCIA. Entrevista. Judith Butler: 'Boa parte de teoria queer foi dirigida contra o policiamento da identidade'. Dossiê 185. Dossiê Gênero, 2017. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevista-com-judith-butler/>. Acesso: 15. mai. 2022.
- CÔRREA, L. Intersectionality: A challenge for cultural studies in the 2020s. *International Journal of Cultural Studies*, p. 1-10, 2020.
- DOTY, A. *Making things perfectly queer: interpreting mass culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997 [1993].
- FERGUSON, R. *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.
- FILHO, R. Madame Satã e o artifício como construção estética de novas formas de vida. *BAGOAS*, n. 18,

2018, p. 249-279.

FOUCAULT, M. *The history of sexuality*. New York: Vintage, 1978.

FRY, P. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, M. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIBSON-GRAHAM, J. Queer(y)ing Capitalism in and out of the Classroom. *Journal of Geography in Higher Education*, v. 23, n. 1, 1999, pp. 80-85.

GOPINATH, G. *Impossible Desires: Queer Diasporas and South Asian Public Cultures*. Durham: Duke University Press, 2005.

HALL, S. The meaning of new times. In: HALL, S.; JACQUES, M. (Eds.), *New times: The changing face of politics in the 1990s*. London: Verso, 1990, pp. 116-134.

HENDERSON, Lisa. Queer Communication Studies, *Annals of the International Communication Association*, v. 24, n. 1, p. 465-484, 2001.

IRIBURE, A. *As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas*. 2008. 309f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

JOHNSON, E. P.; RIVERA-SERVERA, R. H. (Eds.). *Blacktino Queer Performance*. Durham: Duke University Press, 2016.

JOHNSON, D. D. Review: Black Queer Identity Matrix: Towards an Integrated Queer of Color Framework. *QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking*, Vol. 2, No. 2, pp. 230-233, 2015.

JOHNSON, E. P. ‘Square’ Studies or (Almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother. In: JOHNSON, E. P.; HENDERSON, M. G. (Eds.). *Black Queer Studies: A Critical Anthology*. Durham: Duke University Press, 2005. p. 124-157.

JOHNSON, E. ‘Square’ Studies or (Almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother. *Text and Performance Quarterly*, v. 21, n. 1, 2001, p. 1-25.

KATES, S. Making the Ad Perfectly Queer: Marketing “Normality” to the Gay Men’s Community? *Journal of Advertising*, v. XXVIII, n. 1, 1999.

LACY, S.; SIMON, T. *The Economics and Regulation of United States Newspapers*. Norwood: Ablex Pub. 1993.

LAURETIS, T. Queer theory: Lesbian and gay sexualities. *differences*, v. 3, n. 2, p. iii–xvii, 1991.

LAZARIN, L.; IRIBURE, A. Um panorama dos estudos LGBT nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social no Brasil: um olhar sobre a área de publicidade e propaganda. *Pró-Pesq PP: Anais*. 2016.

LAZARIN, L.; IRIBURE, A. Um levantamento dos estudos das homossexualidades nos programas de pós-graduação em Comunicação Social. *Conexão*. v. 13, n. 26, p. 207-226, 2014.

LEE, W. Kuaering Queer Theory, *Journal of Homosexuality*, v. 45, n. 2-4, p. 147-170, 2003.

LEITE, F. Representações LGBTQIA+ em Estudos Publicitários: um olhar sobre a produção científica brasileira do Intercom, Compós e Pró-Pesq PP de 2000 a 2020. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 2022, no prelo.

LEITE, F. Pode a publicidade ser antirracista? *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura*, v. 19, n. 3, 2021.

LEITE, F. *As brasileiras e a publicidade contraintuitiva: enfrentamento do racismo pela midiaticização da imagem de mulheres negras*. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2018.

LEITE, F. *Publicidade contraintuitiva: inovação no uso de estereótipos na comunicação*. Curitiba: Appris, 2014.

LEITE, F. A informação com o suporte para a publicidade contra-intuitiva. *Animus - revista interamericana de comunicação midiática*, v. 6, n. 2, julho-dez 2007.

LOURO, G. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 9 n. 2, 2001, pp. 541-553.

LORDE, A. *The Marvelous Arithmetics of Distance*. New York: W.W. Norton & Co., 1994.

MANALANSAN, M. Messing up sex: The promises and possibilities of queer of color critique. *Sexualities*, p. 1-4, 2018.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed.: UFOP, 2017.

MORAGA, C.; ANZALDÚA, G. (Eds.). *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*. New York: Kitchen Table, 1983.

MORAIS, F. *Analítica Quare: como ler o humano*. Salvador: Devires, 2020.

MORAIS, F. et. al. De Queer a Quare: uma aposta interseccional entre gênero, raça, etnia e classe. *Itinerários*, n. 48, p. 61-76, jan./jun. 2019.

MOZDZENSKI, L. *Outvertising – a publicidade fora do armário: retóricas do consumo LGBT e retóricas da publicidade lacração na contemporaneidade*. 2019. 308f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MUÑOZ, J. E. *Disidentifications: Queers of color and the performance of politics*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1999.

OAKENFULL, G.; GREENLEE, T. Queer eye for a gay guy: Using market-specific symbols in advertising to

- attract gay consumers without alienating the mainstream. *Psychology & Marketing*, v. 22, 2005, p. 421-439.
- OSWALD, R.; KUVALANKA, K.; BLUME, L.; BERKOWITZ, D. Queering “the family.” In: LLOYD, S.; FEW, A.; ALLEN, K. (Eds.), *Handbook of feminist family studies*, Thousand Oaks, CA: Sage, 2009, p. 43–55.
- OSWALD, R.; BLUME, L.; MARKS, S. Decentering heteronormativity: A model for family studies. In V. Bengtson, A. Acock, K. Allen, P. Dilworth-Anderson, & D. Klein (Eds.), *Sourcebook of family theory and Research*, Thousand Oaks, CA: Sage. 2005, pp. 143–165.
- PEELE, T. *Queer Popular Culture: literature, media, film, and television*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- PEREIRA, M. E. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Queer nos trópicos*. *Contemporânea*, v. 2, n. 2 p. 371-394, 2012.
- PRECIADO, P. *Pornotopia: an Essay on Playboy’s Architecture and Biopolitics*. New York: Zone Books, 2014.
- REA, C.; AMANCIO, I. Descolonizar a sexualidade: Teoria *Queer of Colour* e trânsitos para o Sul. *Cadernos Pagu*. Ed. 53, p. 1-38, 2018.
- REA, C. Pensamento Lésbico e Formação da Crítica *Queer of Color*. *Cadernos de Gênero e Diversidade*. v. 4, n. 2, 2018b, p. 117-133.
- REDDY C. *Freedom with Violence: Race, Sexuality, and the US State*. Durham, NC: Duke Univ. Press, 2011.
- REVISTA CULT. Dossiê: Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. Ed. 193. Ano 17, 2014.
- RUBERG, B. *The queer games avant-garde: how LBGTQ game makers are reimagining the medium of videogames*. Durham: Duke University Press, 2020.
- SAFATLE, V. Posfácio. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In. BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. 1. ed. [E-book]. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SANTOS, A. Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva, *Rev. Crítica de Ciências Sociais*, n. 76, 2006.
- SEARS, A. “Queer Anti-Capitalism: What’s Left of Lesbian and Gay Liberation?”. *Science & Society*, v. 69, n. 1, 2005, pp. 92–112.
- SEDGWICK, E. *Between men: English literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.
- SEDGWICK, E. *Epistemology of the closet*. Berkeley, CA: University of California Press, 1990.
- SEIDMAN, S. *Queer theory/Sociology*. Cambridge, MA: Blackwell, 1996.

SCHERER, A.; PETERMANN, J. O estado da arte dos estudos sobre publicidade e representação LGBT+ nos Programas de Pós-Graduação. *Anais*, Intercom Sul, 2019.

SMITH, L. T. *Decolonizing methodologies: Research and indigenous peoples*. New York: St. Martin's Press, 1999.

SOMERVILLE, S. B. *Queering the Color Line: Race and the Invention of Homosexuality in America*. Durham, NC: Duke University Press, 2000.

STERN, B. "Feminist Literary Criticism and the Deconstruction of Ada: A Postmodern View of Advertising and Consumer Responses," *J. Consumer Research*, 19, 1993, p. 556-566.

TOMAZETTI, T. *Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas Teses e Dissertações em Comunicação do Brasil (1972 - 2015)*. Tese (Doutorado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. UFRGS. Porto Alegre, 2019.

TRINDADE, E., PERUZZO, A., e PEREZ, C.. Tendências das pesquisas sobre gênero e sexualidade na publicidade e consumo em revistas científicas da comunicação Qualis A2 entre 2006 a 2018 no Brasil. In. FILHO, C. T. (Org.). *Reflexões sobre comunicação e diversidade sexual e de gênero*. Londrina: Syntagma Editores, 2018.

TRINDADE, E. Um olhar exploratório sobre o consumo e a midiaticização das marcas de alimentos nas vidas de algumas famílias. *Matrizes*, v. 6, n. 1-2, 2012, p. 77-96.

VAN CUILENBURG, J. On competition, access and diversity in media, old and new: Some remarks for communications policy in the information age. *New Media & Society*, v. 1, n. 2, 1999, p. 183-200.

Francisco Leite - Universidade de São Paulo – USP

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor colaborador e Pós-doutorando Fapesp (Proc. 2017/08319-7) na ECA-USP. Autor de *Publicidade contraintuitiva: inovação no uso de estereótipos na comunicação* (Appris, 2014), *As brasileiras e a publicidade contraintuitiva* (Alameda/Fapesp, 2018) e coorganizador de *Publicidade Antirracista* (ECA-USP, 2019), obra finalista do Prêmio Jabuti 2020, entre outras publicações.

Email: leitefco@gmail.com

Financiamento

Proc.: 2017/08319-7 – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).